

Nova School of Law
Teoria do Crime
09.05.2021

Havia já algum tempo que **C** não gostava de **D**. Porém, quando ficou a saber que este começara a namorar com a sua irmã, **E**, ficou desesperado. Contava **C** o seu drama a **F**, um amigo, quando este lhe disse: “conheço um tipo, o **G**, que por pouco dinheiro faz o que tu quiseres...”. **C** pediu então a **F** que contactasse **G** e lhe oferecesse €100 para “dar uma sova” a **D**. Este aceitou prontamente a proposta. Combinaram então que nessa noite esperariam por **D** à porta de uma discoteca e, quando este saísse, **F** faria sinal a **G** de que se tratava de **D**, para que aquele pudesse segui-lo e, chegados a uma zona menos iluminada, lhe pudesse dar a sova contratada. A certa altura, vendo sair uma pessoa de aspeto físico muito semelhante ao de **D** (mas que não era **D**, mas **H**) **F**, confundido por essa semelhança, fez sinal a **G** de que se trataria de **D** e aquele, depois de seguir a sua vítima durante uma centena de metros até um descampado onde se encontravam sozinhos, agrediu-o com tamanha violência que acabou por lhe provocar a morte.

Determine a responsabilidade criminal dos intervenientes.

Responsabilidade criminal de G (3 valores)

É autor material de um crime de homicídio (artigo 131.º do CP)

Está em erro sobre a identidade da vítima, mas esse erro não é relevante, não excluindo o dolo, por não incidir sobre um elemento objetivo do tipo legal de crime.

Responsabilidade criminal a F

Na parte em que, a pedido de C, convenceu G será instigador, se se verificarem os elementos objetivos e subjetivos da instigação; ou seja, se se demonstrar que a intervenção de G foi determinante para a decisão de G **(3 valores)**

Na parte em que, na sequência do combinado com G, fez sinal a este de que se trataria de D, haveria que discutir se este contributo é suficiente para o responsabilizar como coautor (por já significar um tomar parte direta na execução), ou se se trata antes de mero auxílio material à prática do facto, caso em que apenas poderia ser responsabilizado como cúmplice material. Em qualquer dos casos existiria sempre um concurso (aparente) de formas de participação, sendo o agente punido apenas pela mais grave **(4 valores)**

Por outro lado, tal como G, também F estava em erro (igualmente irrelevante) sobre a identidade da vítima **(1,5)**

Adicionalmente, no pressuposto de que F não tinha dolo de morte (pretendia apenas que fosse dada uma sova a D), haveria ainda uma situação de excesso por parte do autor material, pelo qual F não poderia ser responsabilizado enquanto instigador e/ou coautor (podendo, no limite, ser responsabilizado como autor paralelo na forma negligente) **(3,5 valores)**

Responsabilidade criminal de C

Depende do que fosse de concluir quanto à questão da responsabilidade criminal de F. Se este fosse coautor, C seria instigador. Se F fosse instigador, seria necessário discutir o problema da instigação em cadeia **(2 valores)**

Adicionalmente, no pressuposto de que C não tinha dolo de morte (pretendia apenas que fosse dada uma sova a D), haveria ainda uma situação de excesso por parte do autor pelo qual C não poderia ser responsabilizado enquanto instigador (podendo, também neste caso e no limite, ser responsabilizado como autor paralelo na forma negligente) **(3 valores)**